ISSN: 2358-8829

LINGUAGENS LITERÁRIAS QUE NARRAM PAISAGENS

Vinícius de Luna Chagas Costa [1]

INTRODUÇÃO

A aproximação entre a ciência geográfica e a literatura tem possibilitado a construção de perspectivas teóricas e metodológicas que ampliam as formas de compreender a realidade e suas múltiplas dimensões, incluindo as experiências subjetivas, os afetos e a dimensão estética da existência humana. De acordo com Feitosa (2020) essa interlocução tem aberto caminhos para pensar e fazer Geografia para além das abordagens centradas na descrição e na localização dos fenômenos espaciais, incorporando outras linguagens e formas de produção do conhecimento. Nesse sentido, o diálogo entre Geografia e Literatura constitui uma possibilidade de ampliar as interpretações sobre o mundo, considerando as relações entre sujeitos, espaços, experiências e narrativas que participam da constituição da vida social. Como discute Holzer (2003), a perspectiva humanista contribui para compreender o espaço e o lugar a partir da experiência humana, enquanto as interlocuções entre Geografia e Literatura permitem explorar as dimensões sensíveis, simbólicas e narrativas da espacialidade.

Embora a Geografia Humanista e Cultural ofereça importantes contribuições para essa aproximação, compreende-se que as possibilidades de interlocução com a literatura não se restringem a uma única orientação teórica ou metodológica. A literatura pode ser mobilizada por diferentes perspectivas da ciência geográfica, contribuindo para a compreensão dos processos de produção do espaço, das relações sociais, das experiências cotidianas e dos sentidos atribuídos aos lugares. Trata-se, portanto, de reconhecer a potência dessa interlocução sem reduzir a complexidade do conhecimento geográfico a uma única corrente de pensamento. Essa perspectiva pressupõe a necessidade de ampliar e atualizar teorias, métodos e metodologias capazes de contribuir para uma compreensão crítica do mundo, reconhecendo que a produção do conhecimento também se realiza por meio da sensibilidade, da imaginação e das diferentes formas de expressão humana. Articular afetos, a Geografia à Literatura e o conhecimento científico à experiência

[1] Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense - UFF,vinicius.costa@uerj.br;

estética significa reconhecer outras possibilidades de interpretar e habitar o mundo, bem como afirmar o direito dos sujeitos de existir, circular e produzir sentidos nos espaços que constituem suas vidas. A relação das crianças com o espaço geográfico nos convoca a pensar numa Geografia da Infância. Desta forma, a Geografia da Infância (Lopes, 2008; Lopes e Vasconcellos, 2005) busca, assim, compreender as crianças e suas infâncias, tendo como ponto de partida essas espacialidades e as configurações que dela emanam, entre as quais destacamos a paisagem, o território e o lugar, entre outros, ao mesmo tempo é a vontade de conhecer as Geografias criadas pelas crianças.

No campo da educação, essa aproximação adquire especial relevância ao possibilitar experiências formativas que articulam conhecimentos científicos, linguagens artísticas e narrativas literárias. Compreender a educação em uma perspectiva ampla implica reconhecer que os processos de formação humana não se limitam à apropriação de conteúdos sistematizados, mas envolvem também a construção de sensibilidades, vivências infantis e a ampliação das possibilidades de interpretar a realidade. Nessa direção, a literatura, enquanto experiência estética, pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento geográfico, favorecendo o encontro com diferentes paisagens, lugares, temporalidades e modos de vida. Ao mobilizar imagens, personagens, conflitos e situações ficcionais, a narrativa literária permite que o leitor estabeleça relações entre o universo narrado e suas próprias experiências, produzindo novos sentidos para si e para o mundo.

As instituições de Ensino Fundamental constituem espaços privilegiados para a construção dessas experiências, uma vez que podem favorecer o encontro das crianças com lugares, paisagens e realidades que ultrapassam os limites de seus cotidianos imediatos. Por meio da leitura literária, da produção de desenhos e da escrita, as crianças podem imaginar espaços desconhecidos, reelaborar experiências vividas e construir diferentes interpretações sobre a realidade. A literatura, nesse contexto, não se configura apenas como recurso didático para o ensino de conteúdos geográficos, mas como uma linguagem capaz de mobilizar a imaginação, a sensibilidade e a criação, contribuindo para a formação de sujeitos que estabelecem relações críticas e inventivas com o mundo. De acordo com Lopes (2021) o mundo se anuncia no diálogo, e as crianças se colocam em diálogo com o mundo de forma generosa. Ainda segundo o autor, somos todos autores, temos atitudes criadoras que forjam cultura.

É nesse horizonte que se insere o presente trabalho, cujo objetivo é refletir sobre o desenvolvimento de um pensamento geográfico artístico e literário no Ensino Fundamental, considerando as relações entre literatura, imaginação e criação de imagens de mundo pelas crianças. Busca-se compreender de que maneira as experiências literárias participam dos processos de elaboração de sentidos sobre os espaços vividos, imaginados e narrados, valorizando as diferentes formas pelas quais as crianças expressam suas percepções, memórias e interpretações da realidade. Para tanto, desenhos e produções escritas são considerados linguagens por meio das quais as crianças não apenas registram experiências, mas também reelaboram vivências, constroem narrativas e produzem conhecimentos sobre o mundo.

Essa discussão implica reconhecer as crianças como sujeitos históricos, sociais e culturais, capazes de produzir conhecimentos e participar ativamente da construção de suas experiências espaciais. Em uma perspectiva democrática de educação, torna-se fundamental problematizar as relações assimétricas entre adultos e crianças, especialmente quando os conhecimentos, as linguagens e os modos de expressão legitimados pelos adultos se sobrepõem às formas infantis de interpretar e representar a realidade. O silenciamento das vozes e das autorias das crianças limita o reconhecimento de suas experiências e de suas contribuições para a produção do conhecimento. Por isso, valorizar suas narrativas, seus desenhos, suas escritas e suas formas de imaginar constitui também uma tomada de posição política e epistemológica, comprometida com o reconhecimento da pluralidade dos sujeitos e de suas maneiras de compreender e habitar o mundo.

Nessa direção, as contribuições de Vigotski (2009) são fundamentais para compreender a imaginação como um processo vinculado à experiência humana e à capacidade de reelaboração criadora. Na perspectiva histórico-cultural, a atividade imaginativa não corresponde a uma faculdade isolada da realidade, tampouco se restringe à reprodução de experiências anteriores. Ao contrário, a imaginação articula elementos das vivências, reorganiza experiências e possibilita a criação de novas combinações e sentidos. Desse modo, a criança não apenas reproduz aquilo que vivencia ou conhece: ela transforma suas experiências por meio da imaginação, articulando memórias, afetos, palavras, gestos, desenhos e narrativas. A experiência estética proporcionada pela literatura pode potencializar esses processos criativos, favorecendo a emergência de outras possibilidades de compreender e representar o mundo. Essa compreensão permite

aproximar a perspectiva histórico-cultural do debate geográfico, uma vez que as imagens produzidas pelas crianças também expressam modos de apropriação, interpretação e criação de realidades espaciais.

A articulação entre esses referenciais, entretanto, não pressupõe a equivalência entre suas bases epistemológicas. Enquanto a Geografia Humanista e Cultural contribui para compreender as relações de significação entre sujeitos e espaços, a perspectiva histórico-cultural de Vigotski permite analisar os processos de imaginação e criação a partir das relações entre experiência, cultura e desenvolvimento humano. Por sua vez, as contribuições de Bakhtin (2011) possibilitam compreender a linguagem como espaço de interação, alteridade e produção de sentidos. Essas perspectivas podem estabelecer interlocuções fecundas na investigação das relações entre literatura, infância e pensamento geográfico, desde que suas especificidades conceituais sejam preservadas. A aproximação entre elas se sustenta, neste trabalho, no reconhecimento de que a experiência humana não pode ser compreendida exclusivamente por meio de explicações objetivistas, uma vez que envolve sujeitos concretos, relações sociais, processos históricos e diferentes formas de significar o mundo.

No campo metodológico, a perspectiva dialógica de Bakhtin (2011) contribui para compreender que os sentidos não se encontram previamente encerrados nos textos, nas imagens ou nas experiências, mas são produzidos nas relações entre diferentes vozes e posições sociais. Essa abordagem permite considerar a participação das crianças como constitutiva da produção do conhecimento, reconhecendo suas expressões como formas de autoria, e não apenas como manifestações a serem interpretadas a partir de categorias estabelecidas pelos adultos. A leitura literária, os desenhos e as produções escritas são, assim, compreendidos em suas especificidades e nas relações que estabelecem entre si, favorecendo uma investigação atenta à pluralidade das linguagens e à singularidade das experiências infantis.

Essa compreensão dialoga com as reflexões bakhtinianas acerca das particularidades das ciências humanas e da compreensão do sujeito em sua dimensão histórica, social e discursiva. Entretanto, a noção de heterociência exige uma delimitação conceitual cuidadosa, de acordo com a obra e a edição utilizadas, não devendo ser apresentada como sinônimo de dialogia ou como procedimento metodológico formalmente estabelecido sem a devida fundamentação. Neste estudo, a opção por uma perspectiva dialógica expressa o compromisso com uma produção de conhecimento

aberta ao encontro entre diferentes linguagens e experiências, na qual as interpretações infantis participam efetivamente da construção das reflexões sobre a relação entre literatura e Geografia.

A literatura, compreendida como experiência estética e possibilidade de formação humana, assume, portanto, um papel relevante na produção de sentidos sobre a realidade. No encontro entre autor, leitor e narrativa, diferentes experiências se aproximam, entram em diálogo e podem transformar as maneiras de perceber a si mesmo, os outros e os espaços. A leitura não se restringe à decodificação de palavras ou à apreensão de um significado previamente definido; ela envolve a participação ativa do leitor, que mobiliza suas memórias, seus conhecimentos e sua imaginação na construção de interpretações singulares. Quando articulada ao pensamento geográfico, essa experiência amplia as possibilidades de compreender os lugares e as paisagens como dimensões da existência humana, atravessadas por relações sociais, afetivas, culturais e históricas.

Os resultados da pesquisa evidenciam a potência dos desenhos e das produções escritas das crianças como registros de memórias, experiências e processos de imaginação e figuração do mundo. Essas produções revelam que as crianças constroem formas próprias de interpretar, representar e atribuir sentidos à realidade, articulando elementos vividos e imaginados. Mais do que registros de atividades escolares, seus desenhos e suas escritas constituem expressões de autoria e guardam vestígios de experiências que participam da formação de suas imagens de mundo. Reconhecer essa potência significa considerar as crianças como produtoras de conhecimento e compreender a literatura como uma experiência capaz de ampliar as possibilidades de criação, interpretação e expressão geográfica.

Dessa forma, ao aproximar Geografia, Literatura e infância, este trabalho busca contribuir para a reflexão sobre práticas educativas que valorizem a imaginação, a experiência estética e as múltiplas linguagens infantis. Defende-se que a construção do pensamento geográfico no Ensino Fundamental pode ser enriquecida pelo reconhecimento das crianças como sujeitos de linguagem, de criação e de autoria, cujas formas de narrar, desenhar, escrever e imaginar participam da produção de conhecimentos sobre o mundo. Trata-se, assim, de afirmar a relevância de uma educação que articule ciência, arte e sensibilidade, ampliando as possibilidades de leitura crítica da realidade e de participação das crianças na construção de outros modos de compreender e habitar os espaços.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como uma investigação de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da interlocução entre Geografia e Literatura, com o objetivo de refletir sobre os processos de imaginação, criação e produção de imagens de mundo por crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma instituição pública do município do Rio de Janeiro. A proposta pedagógica teve como referências literárias as obras Machado de Assis menino, de Henrique Rodrigues, com ilustrações de Edson de Souza (Rodrigues, 2021), e Conto de escola em quadrinhos, de Machado de Assis, adaptada para os quadrinhos por Laerte Silvino (Assis, 2011). A escolha dessas obras possibilitou aproximar as crianças da trajetória de Machado de Assis e de uma narrativa ambientada no universo escolar, favorecendo reflexões sobre infância, experiências, relações sociais e espaços vividos. Nessa perspectiva, a literatura é compreendida como experiência estética capaz de ampliar as possibilidades de leitura da realidade e de construção do pensamento geográfico.

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de uma sequência didática organizada em rodas de conversa, leitura e discussão das obras literárias, produção de paisagens em folhas de papel A3 e elaboração de fichas-resumo sobre as narrativas. As rodas de conversa constituíram espaços de interlocução nos quais as crianças puderam compartilhar interpretações, impressões, memórias e questões suscitadas pelas leituras. Posteriormente, a produção de paisagens possibilitou expressar, por meio da linguagem gráfica, elementos das narrativas, referências às experiências cotidianas e imagens elaboradas pela imaginação. As fichas-resumo, por sua vez, favoreceram o registro das compreensões construídas durante o contato com as obras. Em diálogo com Oliveira (2017), as paisagens produzidas são consideradas expressões das relações perceptivas e dos significados atribuídos ao meio, reconhecendo-se que a experiência espacial envolve dimensões sensíveis, culturais e subjetivas. Assim, a proposta buscou valorizar as diferentes formas pelas quais as crianças interpretam, imaginam e representam os espaços em diálogo com a literatura.

O material produzido ao longo da sequência didática, constituído pelos registros das rodas de conversa, pelas paisagens elaboradas em folhas A3 e pelas fichas-resumo, foi considerado na análise das relações estabelecidas entre as narrativas literárias e as

imagens de mundo produzidas pelas crianças. A interpretação buscou reconhecer elementos relativos aos espaços vividos e imaginados, às memórias, aos afetos e às experiências mobilizadas pelas leituras, considerando as especificidades das linguagens oral, gráfica e escrita. Desse modo, afirmamos que os desenhos e as escritas não são compreendidos apenas como registros ou ilustrações das obras literárias, mas como produções nas quais as crianças selecionam, reorganizam e criam elementos para expressar suas interpretações. A análise articula, portanto, a perspectiva histórico-cultural de Vigotski, a abordagem dialógica de Bakhtin e as contribuições da Geografia para o estudo da percepção ambiental, da paisagem e do lugar. Essa articulação permite investigar as potencialidades da literatura na construção do pensamento geográfico e reconhecer as crianças como sujeitos que participam ativamente da produção de conhecimentos sobre o mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

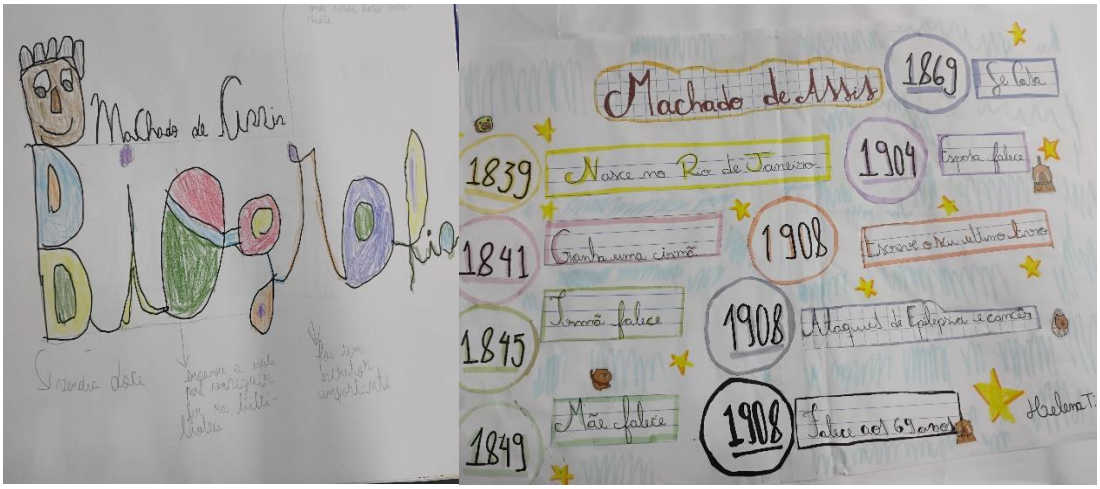
A articulação entre as duas obras também ofereceu possibilidades de reflexão sobre as relações entre infância, acesso à cultura escrita e experiências escolares. A trajetória literária apresentada em Machado de Assis menino permitiu abordar a infância de um escritor negro e discutir os percursos históricos de acesso à leitura, à escola e à produção cultural. Já Conto de escola em quadrinhos possibilitou problematizar as relações sociais que se estabelecem no espaço escolar, incluindo as normas, os conflitos e as experiências que participam da formação dos sujeitos. A aproximação entre essas narrativas pode contribuir para uma leitura geográfica que considere a escola não apenas como edifício ou localização, mas como espaço social constituído por relações, práticas, regras e experiências. Essa possibilidade dialoga com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2015), ao valorizar a construção do conhecimento geográfico a partir da relação entre os conteúdos escolares e as experiências dos estudantes. A abordagem proposta pode, desse modo, ampliar a compreensão do espaço para além de sua dimensão física, incorporando os sentidos sociais, históricos e culturais que participam de sua produção.

Do ponto de vista pedagógico, a sequência didática apontou para a importância de organizar situações de aprendizagem nas quais as crianças possam transitar entre diferentes linguagens e modos de interpretar a realidade. Acreditamos que a leitura literária, a conversa coletiva, a representação gráfica e a produção escrita não precisam

ISSN: 2358-8829

funcionar como etapas isoladas, mas podem compor um percurso integrado de construção de conhecimentos. Durante as aulas foi possível acumular uma grande produção de desenhos, registros e observações que fizeram parte do acervo.

Figuras 1 e 2 – Fichas-resumo sobre Machado de Assis: uma construção coletiva



Fonte: Do próprio autor, 2026.

A literatura ofereceu situações narrativas que mobilizaram a imaginação; as rodas de conversa favoreceram a circulação de interpretações; os desenhos permitiram elaborar representações espaciais; e as fichas-resumo possibilitam organizar e registrar compreensões. A articulação dessas práticas foi fulcral para um ensino de Geografia que reconheça os conhecimentos prévios dos estudantes e os coloque em diálogo com conceitos e interpretações mais sistematizados. Nessa perspectiva, o trabalho com diferentes linguagens não constituiu apenas uma estratégia de diversificação didática, mas uma escolha metodológica que ampliou as possibilidades de participação e de expressão das crianças no processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo desenvolvido neste trabalho reiterou a fertilidade da interface entre a Ciência Geográfica e a Literatura para a reconfiguração do ensino de Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Ao transcender a simples utilização da literatura como mero recurso didático-ilustrativo, a pesquisa evidenciou que a narrativa literária se constitui como uma experiência estética e existencial potente, capaz de mobilizar sentimentos, memórias e imaginação espacial nas crianças. No diálogo travado entre as obras de Machado de Assis e o cotidiano escolar de uma instituição pública do

Rio de Janeiro, os estudantes revelaram sua condição de sujeitos ativos na leitura, interpretação e produção do espaço geográfico.

A inserção do referencial histórico-cultural de Vigotski, em diálogo com as proposições de Cavalcanti e Pires (2021), permitiu compreender como o pensamento geográfico escolar se articula intrinsecamente aos processos de mediação pedagógica, desenvolvimento psicológico e reelaboração criadora. Os autores ressaltam que a apreensão e a construção dos conceitos geográficos pelas crianças não ocorrem por mera transmissão direta de conteúdos conceituais, mas pela via do desenvolvimento de processos cognitivos e afetivos complexos, nos quais a imaginação e a vivência cultural desempenham papéis estruturantes. Assim, a produção de desenhos, o debate em rodas de conversa e a escrita reflexiva emergiram não como atividades isoladas, mas como autênticas linguagens e ferramentas culturais de mediação. Por meio delas, os estudantes puderam dar forma, sentido e voz às suas imagens de mundo, transformando impressões ficcionais e memórias pessoais em conhecimento geográfico reflexivo.

Sob a ótica político-pedagógica, a pesquisa apontou para a urgência de desconstruir práticas adultocêntricas que frequentemente silenciam a autorização e a autoria infantis no espaço escolar. O exercício metodológico amparado na perspectiva dialógica de Bakhtin e na concepção de infância como categoria social produtora de cultura demonstrou que as crianças elaboram verdadeiras leituras críticas do espaço social — ao problematizarem, por exemplo, a escola, as relações de raça, classe e os caminhos de acesso à cultura escrita retratados nas obras machadianas. Valorizar essas produções gráficas e narrativas implica assumir um compromisso ético e epistemológico com a democratização do saber geográfico.

Conclui-se que o desenvolvimento de um pensamento geográfico artístico e literário no Ensino Fundamental expande as possibilidades de formação humana ao articular a ciência à sensibilidade, o rigor conceitual à dimensão poética da existência. Reafirma-se, portanto, a relevância de se consolidarem abordagens metodológicas na Geografia Escolar que promovam a horizontalidade das linguagens, garantindo que a imaginação infantil e o direito à literatura continuem a abrir caminhos para reencantar, compreender e habitar criticamente o mundo.

Palavras-chave: Geografia da infância; Paisagens, Linguagens.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Conto de escola em quadrinhos.** Adaptação de Laerte Silvino. São Paulo: Peirópolis, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Castro; PIRES, Mateus Marchesan. **Geografia escolar: diálogos com Vigotski.** Goiânia: Cepi Graphic, 2021.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. Literatura e geografia: relato de experiência, reflexão teórico-metodológica, aproximação entre arte e ciência. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 31, 2020. DOI: https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.12346
Acesso em 18 out. 2026.

HOLZER, Werther. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **GEOgraphia**, Niterói, v. 5, n. 10, 2003. DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2003.v5i10.a13458
Acesso em 18 out. 2026.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das crianças, geografias das infâncias. **Revista Contexto & Educação**, Editora Unijuí, v. 23, n. 79, p. 75-92, 2008.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da Infância: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos.** Juiz de Fora: FEME/UFJF, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira. **Terreno baldio: um livro sobre balbuciar e criançar os espaços para desacostumar geografias: por uma teoria sobre a espacialização da vida.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção do meio ambiente e Geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

RODRIGUES, Henrique. **Machado de Assis menino.** Ilustrações de Edson de Souza. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores.** Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.